Dr. Robert Peterson, Teologia Própria, Sessão 5, Trindade, Agostinho e o Concílio de Constantinopla. Há Um Deus

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson e seu ensinamento sobre Teologia Própria ou Deus. Esta é a sessão 5, Trindade, Agostinho e o Concílio de Constantinopla. Há Um Deus.

Bem-vindos de volta às nossas palestras sobre a Doutrina de Deus ou Teologia Própria. Vamos orar antes de fazer qualquer outra coisa. Gracioso Pai, Filho e Espírito Santo, nós nos curvamos diante de vocês.

Reconhecemos que somente você é Deus. Nós nos alegamos em tomar nosso lugar como suas criaturas. Reconhecemos nossos pecados.

Glorificamos nosso Redentor Cristo e o Espírito Santo que abriu nossos corações para o evangelho. Abençoe-nos e receba honra para seu nome. Por meio dessas palestras, oramos.

Em nome de Jesus, amém. Ontem, mencionei duas vezes o nome Sibelius. Tive um bloqueio momentâneo.

E em vez de dizer algo errado, eu simplesmente não disse nada. Pensei que os ouvintes poderiam precisar de esclarecimentos. E, de fato, você provavelmente precisa.

Sibelius, como se vê, e como me lembro agora depois de pesquisar, é um dos principais representantes do monarquismo modalista ou modalismo, que, como você se lembra, é um esforço para enfatizar a unidade de Deus que terminou em falso ensino ao dizer, sim, há um Pai, Filho e Espírito Santo, mas que eles não existem simultaneamente, mas sim sucessivamente através da história. O único Deus agora aparece como o Pai nos tempos do Antigo Testamento, nos Evangelhos, na vida terrena de Jesus. Ele aparece como o Filho, não mais como o Pai.

É isso que quero dizer com sucessivo. Depois do Pentecostes, o Deus único aparece apenas como o Espírito Santo. Esse é um falso ensinamento porque, de fato, há um Deus e há três que são Deus, mas esses três são Deus simultaneamente.

Sibelius é um modalista muito famoso . Aliás, tão famoso, outro nome para modalismo é Sibelianismo . Estamos concluindo nossa pesquisa, nosso reconhecimento histórico, se preferir, da doutrina da Trindade, e chegamos à coroa do Ocidente, que é Santo Agostinho.

Embora a exposição de Agostinho da ortodoxia trinitária seja escritural por toda parte, sua concepção de Deus como um ser absoluto, simples e indivisível, transcendendo as categorias, forma seu pano de fundo sempre presente. Então, em contraste com a tradição que fez do Pai seu ponto de partida, isto é, a tradição oriental, ele começa com a própria natureza divina. É essa natureza ou essência simples e imutável que ele prefere essência à substância, pois esta última sugere um sujeito com atributos, enquanto Deus, para Agostinho, é idêntico a seus atributos, que é a Trindade.

É essa natureza ou essência simples e imutável que é a Trindade. A unidade da Trindade é, portanto, colocada diretamente em primeiro plano, o subordinacionismo de todo tipo sendo rigorosamente excluído, afirmou Agostinho, onde tudo o que é afirmado de Deus é afirmado igualmente de cada uma das três pessoas, uma vez que é um na mesma substância que constitui cada uma delas. Não apenas o Pai não é maior do que o Filho em relação à divindade, mas o Pai e o Filho juntos não são maiores do que o Espírito Santo, e nenhuma pessoa das três é menor do que a própria Trindade.

Essa é uma doutrina verdadeira de uma pessoa, um Deus em três pessoas, e três pessoas iguais constituindo o único Deus. Vários corolários seguem dessa ênfase na unicidade da natureza divina. Primeiro, Pai, Filho e Espírito não são três indivíduos separados da mesma forma que três seres humanos que pertencem a um gênero, a raça humana.

Em vez disso, cada uma das pessoas divinas, do ponto de vista da substância, é idêntica às outras ou à própria substância divina. Dessa forma, Deus não é corretamente descrito como Victorinus o havia descrito como triplo, triplex, uma palavra que sugeriu a Agostinho a conjunção de três indivíduos, mas como uma trindade, e as pessoas podem ser ditas separadamente para habitar ou co-herdar umas com as outras. Em segundo lugar, tudo o que pertence à natureza divina como tal deve, em rigor de linguagem, ser expresso no singular, uma vez que essa natureza é única.

Como o último credo atanasiano, que é agostiniano por completo, coloca, enquanto cada uma das pessoas é criada, criada, infinita, onipotente, eterna, etc., não há três criados, infinito, onipotência, eterno, etc., mas um. Em terceiro lugar, a trindade possui uma única ação indivisível e uma única vontade. Sua operação é inseparável.

Em relação à ordem contingente, as três pessoas agem como um princípio, e como são inseparáveis, então operam inseparavelmente. Esta é uma ortodoxia maravilhosa

de um homem brilhante que amava o Senhor. Em suas próprias palavras, onde não há diferença de naturezas, também não há de vontades.

Para ilustrar isso, Agostinho argumenta que as teofanias registradas no Antigo Testamento não devem ser consideradas, como a tradição patrística anterior tendia a considerá-las, como aparições exclusivamente do Filho. Às vezes, elas podem ser atribuídas ao Filho, ou ao Espírito, às vezes ao Pai, e às vezes a todos os três. Às vezes, é impossível decidir a qual dos três descrevê-las.

Por fim, Agostinho enfrenta a dificuldade óbvia que sua teoria sugere: ela parece obliterar os vários papéis das três pessoas. Sua resposta é que, embora seja verdade que o Filho, distinto do Pai, nasceu, sofreu e ressuscitou, permanece igualmente verdade que o Pai cooperou com o Filho para trazer à tona a Encarnação, a Paixão e a Ressurreição.

Era apropriado para o Filho, no entanto, em virtude de sua relação com o Pai, ser manifestado e tornado visível. Em outras palavras, uma vez que cada uma das pessoas possui uma natureza divina de uma maneira particular, é apropriado atribuir a cada uma delas, na operação externa da Divindade, o papel que é apropriado a ele em virtude de sua origem. É um caso do que os teólogos ocidentais posteriores descreveriam como apropriação.

Isso nos leva à distinção das pessoas, que Agostinho vê como fundamentadas em suas relações mútuas dentro da Divindade. Enquanto elas são idênticas e consideradas como uma substância divina, o Pai é distinguido como Pai porque ele gera o Filho, e o Filho é distinguido como Filho porque ele é gerado. O Espírito, similarmente, é distinguido do Pai e do Filho na medida em que é concedido por eles.

Ele é o dom comum deles, sendo uma espécie de comunhão de Pai e Filho, ou então o amor que eles juntos derramam em nossos corações. Ele é esse amor. A questão então surge sobre o que, de fato, os três são.

Agostinho reconhece que eles são pessoas tradicionalmente designadas, mas está claramente infeliz com o termo. Provavelmente, ele transmitiu uma sugestão de indivíduos separados para ele. Se no final ele consente em adotar o uso atual, é por causa da necessidade de afirmar a distinção dos três contra o modalismo.

A fórmula três pessoas foi empregada, ele disse, não para que isso pudesse ser dito, mas para evitar ter que dizer nada. E com um profundo senso da inadequação da linguagem humana. Sua própria teoria positiva foi a original, e para a história do Trinitarismo Ocidental, uma altamente importante, de que as três são relações reais ou subsistentes.

Seu motivo ao formulá-lo era escapar de um dilema astuto colocado pelos críticos arianos. Baseando-se no esquema aristotélico de categorias, eles argumentaram que a distinção dentro da Divindade, distinções dentro da Divindade, se existissem, deveriam ser classificadas sob a categoria de substância ou de acidente. Este último estava fora de questão, Deus não tendo acidentes.

O primeiro levou à conclusão de que os três são substâncias independentes. Devo esclarecer, pois Aristóteles, o grande pensador, que através especialmente de Tomás de Aquino, influenciou seu prêmio de duas semanas, Teologia Ocidental Medieval, distinguiu entre substância e acidentes. A substância deste púlpito é sua essência.

Ele participa da substância do púlpito, da essência do púlpito, aquilo que faz de um púlpito um púlpito. Os acidentes deste púlpito são sua forma precisa, sua cor, seu peso e assim por diante, certo? Mas um peixe não participa da essência do púlpito, certo? Até mesmo uma cadeira não participa, e poderíamos realmente debater exatamente o que participa, mas você entende que essência ou substância é o que é essencial para algo, e acidentes não são essenciais. Eles são as características que qualificam essa essência ou substância.

Sim, estamos falando sobre o pano de fundo da compreensão católica romana da missa, que é uma transubstanciação, isto é, uma mudança na essência do pão e do vinho, para que se tornem espiritualmente o próprio corpo e sangue de Cristo. Os acidentes, o pão e o vinho diante de nossos olhos, e que tocamos e consumimos, não mudam, mas milagrosamente e invisivelmente, a essência muda, a substância, por assim dizer. Essa é a doutrina católica romana, que eu não endosso, mas estou apenas explicando a distinção aristotélica entre essência ou substância e acidentes.

Os Wiley-Aryans achavam que tinham os Ortodoxos em cima de um barril com esse negócio. Se as pessoas, se o Pai, o Filho e o Espírito Santo existem, eles têm que ser substâncias ou acidentes. É só isso que existe.

Não pode haver acidentes. Deus não tem acidentes. Ele é Deus.

Se você diz que são substâncias, isso leva à conclusão de que há três substâncias independentes, que soam para os arianos como tri-teísmo, politeísmo e deuses múltiplos. Agostinho rejeita ambos os autonomistas, apontando que o conceito de relação ainda permanece. Os três, ele continua a afirmar, são relações tão reais e eternas quanto os fatores de gerar, ser gerado e proceder, ou ser concedido dentro da Divindade que deu origem a eles, que os dão origem.

Pai, Filho e Espírito são, portanto, relações no sentido de que o que quer que cada um deles seja, ele o é em relação a um ou a ambos os outros. Nenhum deles é um indivíduo separado. Eles são parte da tri-unidade da Divindade.

Para as pessoas modernas, a menos que sejam educadas em filosofia técnica, a noção de relações, acima, à direita, maior que, etc., como tendo uma substância real soa estranha, embora elas geralmente estejam preparadas para considerar sua objetividade, isto é, que elas existem por si mesmas, independentemente do observador. Para Agostinho, era mais familiar, pois tanto Plotino quanto Porfírio a haviam ensinado. A vantagem da teoria, do seu ponto de vista, era que, ao capacitá-lo a falar significativamente sobre Deus em um novo nível de linguagem, tornava possível afirmar simultaneamente a unidade e a pluralidade da divindade sem cair no paradoxo.

Terceiro, Agostinho sempre ficou intrigado em explicar o que é a processão do Espírito ou em que ela difere da geração do Filho. Ele tinha certeza, no entanto, de que o Espírito é o amor mútuo do Pai e do Filho, o vínculo consubstancial que os une. Seu ensinamento consistente, portanto, era que ele é o Espírito de ambos igualmente, como ele mesmo disse.

O Espírito Santo não é o Espírito de um deles, mas de ambos. O Espírito Santo não é. Assim, ele acreditava que era a libertação clara da Escritura.

Assim, em relação ao Espírito Santo, o Pai e o Filho formam um único princípio, inevitavelmente, uma vez que a relação de ambos com ele é idêntica, e onde não há diferença de relação, sua operação é inseparável. Portanto, Agostinho, mais inequivocamente do que qualquer um dos Padres Ocidentais antes, ensinou a doutrina da dupla processão do Espírito do Pai e do Filho, latim filioque, filio, filho, quae, e. A importante cláusula filioque era uma coisa que separava o Oriente do Ocidente.

O Oriente rejeitou. Lembre-se, sua ênfase no ponto de partida e ênfase no Pai como a Divindade. Não estou dizendo que os Padres Orientais ou Ocidentais são heterodoxos.

Estou dizendo que eles fizeram diferente. Respondendo à objeção de que, uma vez que tanto o Filho quanto o Espírito derivam do Pai, deveria haver dois Filhos, ele declarou: o Filho é do Pai, o Espírito também é do Pai, mas o primeiro é gerado, o último procede. Então, o primeiro é Filho do Pai de quem ele é gerado, mas o último é o Espírito tanto do Pai quanto do Filho, uma vez que ele procede de ambos.

O Pai é o autor da processão do Espírito porque ele gerou tal Filho, e ao gerá-lo fez dele também a fonte da qual o Espírito procede. O ponto é que, uma vez que o Pai deu tudo o que ele tem ao Filho, ele lhe deu o poder de conceder o Espírito. Não se deve inferir, ele nos adverte, que o Espírito tem, portanto, duas fontes ou princípios.

Pelo contrário, a ação do Pai e do Filho em conceder o Espírito é comum, assim como a ação de todas as três pessoas na criação. Além disso, apesar da dupla processão, o Pai continua sendo a fonte primordial, na medida em que é dele que o Filho deriva sua capacidade de conceder o Espírito. Continuamos esse tipo de coisa falando sobre a primeira, segunda e terceira pessoa.

Afirmamos a unidade, afirmamos a igualdade, mas damos ao Pai uma espécie de primazia dentro da Santíssima Trindade, como eu diria que as escrituras fazem, como veremos. Chegamos finalmente ao que é provavelmente a contribuição mais original de Agostinho à teologia trinitária, seu uso de analogias extraídas da estrutura da alma humana. A função destas, deve-se notar, não é tanto demonstrar que Deus é Trindade.

Em sua visão, a Revelação fornece ampla garantia disso, a fim de aprofundar nossa compreensão do mistério da unidade absoluta e ainda distinção real dos três. A rigor, de acordo com Agostinho, há vestígios da Trindade em todos os lugares, pois, na medida em que as criaturas existem, elas existem participando das ideias de Deus. Portanto, tudo deve refletir, ainda que fracamente, a Trindade que o criou.

Para sua imagem verdadeira, no entanto, um homem deve olhar primariamente para si mesmo. Pois a escritura representa Deus dizendo, vamos, isto é, os três, fazer o homem à nossa imagem e semelhança. Mesmo o homem exterior, isto é, o homem considerado em sua natureza sensível, seus sentidos dominando, oferece um tipo de semelhança com a Trindade.

O processo de percepção, por exemplo, produz três elementos distintos que são ao mesmo tempo intimamente unidos e dos quais o primeiro em um sentido gera o segundo, enquanto o terceiro une os outros dois. Esse é o objeto externo, a representação sensível da mente dele, e a intenção ou ato de focar a mente. Novamente, quando o objeto externo é removido, temos uma segunda Trindade, muito superior porque está localizada inteiramente dentro da mente e, portanto, de uma e a mesma substância.

Essa é a impressão da memória, a imagem da memória interna e a intenção ou configuração da vontade. Para a imagem real, no entanto, da divindade trina, devemos olhar para o homem interior ou alma. E no homem interior, em sua natureza racional ou dos homens, que é a parte mais elevada e divina dele.

Muitas vezes se assumiu que a analogia trinitária de princípio de Agostinho no De Trinitate, a respeito da Trindade, é revelada por sua análise da ideia de amor, seu ponto de partida no ditado joanino de que Deus é amor, no amante, no objeto amado e no amor que une Pai, Filho e Espírito, ou se esforça para uni-los. No entanto, ao expor essa analogia, ele próprio avalia que ela oferece apenas um passo

inicial em direção à nossa compreensão da Trindade, na melhor das hipóteses um vislumbre momentâneo dela. Sua discussão sobre isso é bastante breve e não forma mais do que uma transição para o que ele considera sua analogia importantíssima, baseada no homem interior.

Isto é, a atividade da mente como direcionada a si mesma, ou melhor ainda, a Deus. Esta analogia o fascinou por toda a sua vida, de modo que em trabalhos iniciais como *The Confessions*, o encontramos ponderando a tríade de ser, conhecer e querer. No *De Trinitate*, ele a elabora longamente em três estágios sucessivos, as trindades resultantes sendo a. a mente, seu conhecimento de si mesma e amor a si mesma, b. memória, ou mais propriamente, o conhecimento latente da mente sobre si mesma, entendimento, isto é, sua apreensão de si mesma à luz da razão eterna e da vontade ou amor a si mesma pela qual este processo de autoconhecimento é posto em movimento, e c. a mente como lembrando, conhecendo e amando o próprio Deus.

Cada um deles, em graus diferentes, revela três elementos reais que, de acordo com a personalidade metafísica de Agostinho, são coordenados e, portanto, iguais e, ao mesmo tempo, essencialmente um. Cada um deles lança luz sobre as relações mútuas das pessoas divinas. É a última das três analogias, no entanto, que Agostinho considera mais satisfatória.

Os três fatores revelados no segundo não são três vidas, mas uma vida, não três mentes, mas uma mente, e conseqüentemente não são três substâncias, mas uma substância. Mas ele raciocina que é somente quando a mente se concentrou com todos os seus poderes em lembrar, entender e amar seu criador que a imagem que ela carrega dele, corrompida como está pelo pecado, pode ser totalmente restaurada. Enquanto se debruça longamente sobre essas analogias e extrai seu significado ilustrativo, Agostinho não tem ilusões sobre suas imensas limitações.

Em primeiro lugar, a imagem de Deus na mente do homem é, em qualquer caso, remota e imperfeita, uma semelhança de fato, mas uma imagem muito distante. A imagem é uma coisa no sol, outra no espelho. Em segundo lugar, embora a natureza racional do homem exiba as trindades mencionadas acima, elas não são de forma alguma idênticas ao seu ser na maneira em que a trindade divina constitui a essência da Divindade.

Uau! Se você acha isso confuso, bem-vindo à raça humana. Bem-vindo à categoria dos não-gênios. Uau! Eles representam faculdades ou atributos que o ser humano possui, enquanto a natureza divina é perfeitamente simples.

É alguém incapaz de divisão. Terceiro, como um corolário disto, enquanto memória, entendimento e vontade são seu maior reflexo trinitário na mente humana, enquanto memória, entendimento e vontade operam separadamente, as três

pessoas mutuamente co-herdam, e suas ações são uma e indivisíveis. Por último, enquanto na Divindade os três membros da trindade são pessoas, eles não o são na mente do homem.

A imagem da trindade é uma pessoa, mas a suprema trindade em si é três pessoas, o que é um paradoxo quando se reflete que, no entanto, os três são mais inseparavelmente um do que a trindade na mente. Essa discrepância entre a imagem e a trindade em si apenas nos lembra do fato de que o apóstolo nos disse que aqui na terra, nós, entre aspas, vemos em um espelho obscuramente. Depois, e somente depois, veremos face a face.

Uau! O trabalho de Agostinho sobre essas analogias é muito respeitado e estudado em diferentes campos além da teologia por sua percepção e criatividade. Mas no final, parece que nenhuma analogia realmente funciona bem. Ele admite isso.

Ele mesmo admite. Mas essa foi sua maior conquista. O Concílio de Constantinopla produziu o famoso Credo Niceno -Constantinopolitano, frequentemente chamado de Credo Niceno.

O Credo Niceno de 325 foi polido, finalizado, em Constantinopla em 381. O Credo Niceno -Constantinopolitano resume muito do progresso do pai na compreensão da Trindade. Aqui está o credo.

Estou citando uma tradução que aparece no maravilhoso livro de Robert Lethem sobre A Santíssima Trindade. E ele, por sua vez, dá crédito a RPC Hanson em *The Search for the Christian Doctrine of God, the Arian Controversy, 318-381*, escrito em 1988. Aqui está o Credo Niceno, atualizado, finalizado, à luz do concílio do pai em Constantinopla.

Português Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis, e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, o unigênito, gerado do Pai antes de todos os séculos, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por quem todas as coisas vieram à existência, que por nós, homens, e para nossa salvação, desceu do céu, dos céus, e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem, e foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos, e padeceu, e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai, e virá novamente com glória para julgar os vivos e os mortos, e não haverá fim para o seu reino. E cremos no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai, que é adorado e glorificado juntamente com o Pai e o Filho, que falou pelos profetas, e em uma só igreja, santa, católica e apostólica, confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro.

Amém. Encerramos com alguns comentários. Deus é um ser que sempre existiu como três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Deus não pode ser dividido, o que é um aspecto da simplicidade divina. Portanto, cada pessoa é inteiramente Deus, e o Deus inteiro está em cada pessoa. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são da mesma essência divina.

Eles são consubstanciais. Quando os pais da igreja usam a linguagem da origem, o Pai gera o Filho, que é o unigênito. O Espírito procede ou é enviado do Pai e do Filho.

Eles não ensinam que as pessoas de uma trindade são seres criados. Em vez disso, essa linguagem se refere aos relacionamentos eternos entre as pessoas. Deus sempre foi o Pai.

O Filho sempre foi o Filho do Pai. O Espírito sempre procedeu do Pai e do Filho. Os relacionamentos entre as pessoas são eternos.

Deus sempre foi o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não há outro Deus. Significativamente, o Credo esclarece o ensinamento da igreja sobre o Espírito Santo.

Ela ensina a personalidade do Espírito quando diz que ele falou pelos profetas. Somente uma pessoa, não uma força impessoal, poderia falar, e é isso que o Espírito fez. O Credo também ensina a divindade do Espírito Santo.

Primeiro, ele o chama pelo nome divino, Senhor. Segundo, quando diz que o Espírito Santo é adorado e glorificado junto com o Pai e o Filho, ele lhe concede a adoração devida somente a Deus. Terceiro, ele atribui ao Espírito as obras divinas de criação e redenção.

Quando diz, ele é o doador da vida, aquele que dá vida física à criação e vida espiritual na redenção. Fechamos nossa pesquisa teológica histórica da Trindade novamente com Santo Agostinho, o principal teólogo da igreja primitiva, que moldou o desenvolvimento do cristianismo ocidental. Ele é mais conhecido por Confissões, a Cidade de Deus e Sobre a Trindade.

No último deles, ele distingue entre uso e prazer. Devemos usar ou utilizar as coisas que Deus nos dá como meios no fim de glorificá-lo. Mas o prazer pertence somente a Deus.

Não devemos usá-lo como um meio para outro fim, pois ele é o fim mais elevado. Em vez disso, devemos apreciá-lo e encontrar realização nele amando-o e servindo-o, mesmo em nosso uso de outras coisas boas. Citação de Agostinho de On Christian

Doctrine, De Doctrina , que é um, ele era um professor de retórica antes de se converter, e ele se arrependeu disso.

Ele disse que deu aos advogados imorais ferramentas para enganar as pessoas. Mas em On Christian Doctrine, ele resume a crença do católico com C minúsculo, a igreja universal antes do ano 400 d.C., e não só isso, ele fala sobre hermenêutica de forma muito útil, e então ele também dá uma seção sobre homilética, usando sua grande experiência como professor de retórica. É um pequeno trabalho fascinante.

Aqui está uma citação de On Christian Doctrine. Os verdadeiros objetos de desfrute, então, são o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que são ao mesmo tempo a Trindade, um ser supremo acima de tudo e comum a todos que o desfrutam. A Trindade, um Deus, de quem são todas as coisas, por quem são todas as coisas, em quem são todas as coisas.

Assim, o Pai e o Filho e o Espírito Santo, e cada um destes por si mesmo é Deus, e ao mesmo tempo, eles são todos um Deus, e cada um deles por si mesmo é uma substância completa, e ainda assim eles são todos uma substância. O Pai não é o Filho nem o Espírito Santo. O Filho não é o Pai nem o Espírito Santo.

O Espírito Santo não é o Pai, nem o Filho, mas o Pai é somente o Pai. O Filho é somente Filho, e o Espírito Santo é somente o Espírito Santo. A todos os três pertencem a mesma eternidade, a mesma imutabilidade, a mesma majestade, o mesmo poder, aos quais só podemos dizer: Amém.

É bom ter alguns gênios do nosso lado, não é? Em 1 Coríntios 1, Paulo diz, olhe ao seu redor na igreja, não há muitas pessoas ricas, não há muitas pessoas realmente inteligentes. Deus escolheu os elementos pobres deste mundo para glorificar a si mesmo, para que pudéssemos nos gloriar somente no Senhor, não na força humana, riqueza ou sabedoria, como ele cita Jeremias sobre isso. A Bíblia ensina que o Deus vivo e verdadeiro é tri-triúno.

À medida que exploramos o que isso significa, desembrulharemos sete declarações. Há um Deus, número um. Número dois, o Pai é Deus.

Terceiro, o Filho é Deus. Quarto, o Espírito é Deus. Quinto, o Pai, o Filho e o Espírito são inseparáveis, mas distintos.

Seis, o Pai, o Filho e o Espírito habitam um no outro. Sete, o Pai, o Filho e o Espírito existem em unidade e igualdade. Embora as escrituras não nos deem uma doutrina completa da Trindade, quando você junta essas sete declarações, uau, elas nos apontam nessa direção, digamos assim.

Número um, há um Deus. Ambos os Testamentos confessam uniformemente o monoteísmo, a crença de que há apenas um Deus. Deuteronômio 6:4 e 5. Moisés escreveu, agora este é o mandamento, Deuteronômio 6:1, os estatutos e as regras que o Senhor teu Deus me ordenou que te ensinasse, para que os cumpras na terra a que estás passando para possuí-la, para que tema ao Senhor teu Deus, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, guardando todos os seus estatutos e os seus mandamentos, que eu te ordeno todos os dias da tua vida, e para que os teus dias se prolonguem.

Ouve, pois, ó Israel, e tem cuidado de fazê-los, para que te vá bem, e não apliques grandemente, como te prometeu o Senhor Deus de teus pais, numa terra que mana leite e mel. Deuteronômio 6, 4. Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um só. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.

Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração. Ensinarás diligentemente a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. E as atarás por sinal na tua mão.

O judaísmo ortodoxo leva esse versículo literalmente, e vocês, eles serão como frontais entre seus olhos. Vocês os escreverão no batente da porta de sua casa e em seus portões. O significado, é claro, é que as escrituras não devem ser apenas confessadas, mas vividas na frente de filhos, netos e assim por diante.

Deuteronômio 6:4 e 5 é nosso texto fundamental, na verdade. Passagens como esta estabelecem o fundamento para a doutrina da Trindade no Novo Testamento. Ouça, Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um.

Deuteronômio 6, embora esta passagem se concentre na exclusividade de Deus, ela também implica sua unidade. O Senhor confrontou e derrotou os chamados deuses do Egito nas pragas e no êxodo. Agora, por meio de Moisés, ele convoca os israelitas a reconhecerem publicamente que ele, que é Deus, pertence a eles.

Anteriormente, Moisés havia proclamado a singularidade de Deus em 4:35 de Deuteronômio. A você, foi mostrado para que você soubesse que o Senhor é Deus. Não há outro além dele, Deuteronômio 4:35.

No meio do desenfreado politeísmo do antigo Oriente Próximo, no meio do desenfreado politeísmo do antigo Oriente Próximo, Moisés confessa poderosamente a unidade de Deus. Apesar das alegações dos cananeus, que adoram Baal, dos egípcios, que reverenciam Ammon-Re, e dos babilônios, que são devotados a Marduk, o Deus de Israel é Deus sozinho. Não há outro.

Israel professa fé somente no Senhor, Deuteronômio 6:4 e 5. Israel não deve apenas professar o monoteísmo, mas verdadeiramente crer e praticá-lo. "Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças." Versículo 5. O povo de Deus deve amá-lo com tudo o que é e tudo o que tem, e deve valorizar as palavras de Deus e transmiti-las aos seus filhos na vida diária, versículos 6 e 7. Tiago 2:14 a 26. Lutero teve dificuldade com Tiago, e em sua conversa à mesa, que chega até nós de forma não totalmente confiável, ele e Katie tiveram que levar alunos para casa para ajudar a pagar as contas, e eles se reuniam ao redor da mesa, e ele se gabava para eles.

Ele se gabava e contava histórias e assim por diante, e eles tomavam suas palavras como pérolas de sabedoria, e havia algumas pérolas ali, mas quando ele disse que às vezes sente vontade de jogar Jimmy no fogo, isso não está entre as pérolas de sabedoria. Na verdade, ele nunca tirou Tiago do cânone, mas o colocou no final do Novo Testamento porque falava pouco de Cristo, e esse era seu princípio teológico abrangente, especialmente a justificação pela fé, era um princípio teológico, um princípio ético, um princípio hermenêutico, até mesmo um princípio canônico. Tiago não foi tirado, mas foi colocado no final.

Calvino, que considerava Lutero como o apóstolo da Reforma, tudo bem, e dificilmente falaria contra ele em seu comentário sobre Tiago 2, Calvino diz, enquanto alguns têm dificuldade com esta passagem, não nomeando Lutero, ele diz, eu não. Se dermos atenção ao uso da linguagem, então não é difícil encontrar desarmonia. Calvino está absolutamente certo.

Na verdade, Paulo às vezes usa as palavras de forma semelhante, mas geralmente não é verdade. Então, enquanto geralmente em Paulo, fé significa uma confiança sincera em Jesus como Senhor e Salvador, em Tiago 2:14 a 26, pistis ou fé significa uma profissão de fé. Se um homem diz que tem fé e não tem palavras, essa fé pode salvá-lo? Não, não.

Os demônios, eles confessam a unidade de Deus, os demônios dizem o shema , cujo começo vem de Deuteronômio 6:4 e 5, 6, 4. Isso não é fé verdadeira; isso é uma profissão. E enquanto às vezes em Paulo, especialmente vendo a justificação desde o começo do relacionamento de alguém com Deus, as obras são trapos imundos apresentados a Deus para que ele possa nos aceitar. Não somente em Paulo, ele ensina que também as obras às vezes.

Na verdade, em Efésios 2:10, seguindo 8 e 9, que enfatiza somente a fé e somente a graça, e tudo e em Tito, que diz a mesma coisa, somente a graça, somente a fé, obras, obras, obras são importantes como evidência da verdadeira fé. Em Tiago 2, obras são feitos validadores que demonstram que a profissão de fé é genuína. Esta é

uma boa linha, mostre-me sua fé sem obras e eu lhe mostrarei a validade da minha profissão de fé.

Eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Assim como Abraão, e escandalosamente para os judeus, Raabe são exemplos de pessoas que não só professam a crença em Yahweh, Raabe, sim, mas vivem demonstrando suas vidas, validando sua profissão. Até mesmo justificar é usado de forma diferente em Tiago.

Está mais de acordo com o uso do Antigo Testamento, o que faz sentido para mim, um antigo escritor e epístola judeu-cristão. Enquanto para Paulo, justificar geralmente vê o começo da salvação, Tiago a vê no fim, e Deus atesta, vindica, ele justifica seu povo que foi salvo pela graça por meio da fé, mas que demonstrou isso por suas ações validadoras. Em todo caso, Tiago escreve para judeus-cristãos que percebem que a unidade de Deus é um princípio básico do judaísmo.

O livro de Tiago sublinha que Deus é um, mas também aponta que simplesmente confessar essa verdade vital é insuficiente. É necessário, é uma condição necessária, mas insuficiente. Tiago observa que até os demônios sabem que há apenas um Deus, e eles certamente não confiam em Jesus para a salvação.

No entanto, essa passagem em seu contexto é uma confissão do Novo Testamento em harmonia com o Antigo Testamento de que Deus é um. Ao fazermos nosso reconhecimento da teologia histórica, vimos que a igreja sempre teve como ponto de partida a unidade de Deus. O triteísmo não era uma opção.

Era impossível. A dificuldade era reconciliar a adoração de Jesus e até mesmo do Espírito com a confissão da unidade de Deus. Não era; a igreja não estava tentada a dizer, bem, deve haver três deuses ou dois ou três deuses.

Não, impossível. Mais uma passagem antes de fazermos uma pausa. 1 Timóteo 2:5 e 6, Paulo afirma que há um só Deus e um só mediador entre Deus e a humanidade, o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos.

1 Timóteo 2, 5 e 6. Paulo declara a unidade de Deus em concerto com o ensino do Antigo Testamento. Deuteronômio 4:35, Deuteronômio 6:4, como vimos. Ele então acrescenta, apresentando Jesus como o único mediador entre Deus e as pessoas.

O Deus vivo e verdadeiro se faz conhecido em seu Filho, que resgata todos os crentes. Ele se entregou como resgate por todos. Ao afirmar a unidade de Deus, a igreja sustenta que há três pessoas na Divindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Contra o modalismo, a igreja ensina que ali, essas não são apenas três manifestações de seu ser, mas que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus simultaneamente, não

sucessivamente. Podemos falar sobre três modos? Sim, mas os três modos constituem Deus. Eles não meramente manifestam Deus.

Lembro-me de ler uma declaração doutrinária da igreja em seu site, e ela diz: Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo que revelam Deus. Não acho que eles eram modalistas . Mas essa é uma declaração modalista .

Poderia ser. Eles deveriam ter dito, quem é Deus e quem revela Deus, algo assim. Então, lidamos com a primeira das nossas sete declarações para construir uma doutrina da eternidade a partir das escrituras.

Há um Deus. Na próxima vez, veremos que de fato o Pai é Deus e o Filho e o Espírito.

Este é o Dr. Robert A. Peterson e seu ensinamento sobre Teologia Própria ou Deus. Esta é a sessão 5, Trindade, Agostinho e o Concílio de Constantinopla. Há Um Deus.